

A vida e os ensinamentos de Adi Shankaracharya

Parte I

Uma apresentação por Joël Dubois

Um dos pilares escriturais do caminho de Siddha Yoga é a obra do grande sábio Ādi Śaṅkarācārya, que foi um dos principais estudiosos do Vedānta. Escola de pensamento não dual, o Vedānta sintetiza os diversos ensinamentos contidos nos antigos Upaniṣads. Os próprios Upaniṣads formam uma parte integral dos Vedas, uma vasta coletânea de hinos e fórmulas ritualísticas recitados originalmente durante os rituais de oferendas ao fogo (*yajñas*) e transmitidos oralmente através de linhagens distintas ao longo de gerações até os dias de hoje. Os Upaniṣads são comentários explicativos e histórias encontrados no “final do Veda” (*vedānta*) de muitas dessas linhagens. Esses trabalhos registram uma ampla variedade de visões a respeito da natureza da mente, da percepção e do ser (*ātman*).

Ādi Śaṅkarācārya ensinou, essencialmente, que cada um de nós é *paramātman*, o grande Ser de todos os seres, do jeito que somos. Este grande Ser é idêntico à realidade transcendente conhecida como Brahman, que abrange e está presente em todas as coisas. É apenas pelo fato de estarmos cegos para a verdade da nossa identidade com Brahman que vemos diversidade ao nosso redor, sobrepondo diferenças naquilo que é, na realidade, um esplendor não dual. Além disso, qualquer ideia de que precisamos fazer algo para alcançar Brahman, é um obstáculo à percepção de que já somos Brahman. Em seus ensinamentos, os Gurus de Siddha Yoga — Gurumayi Chidvilasananda, Baba Muktananda e Bhagavan Nityananda — fazem referência a essa visão de unidade, como resume o ensinamento de Baba “Deus habita dentro de você como você.” Essa visão de Ādi Śaṅkarācārya está consagrada em vários tratados de versos curtos estudados no caminho de Siddha Yoga, que incluem o *Viveka Cudāmani* (A Joia Suprema do Discernimento) e o *Ātma Bodha* (Consciência do Ser).

O título Ādi (primeiro) serve para distinguir o Śaṅkarācārya original dos professores que vieram depois na linhagem que ele iniciou, muitos dos quais receberam o título de Śaṅkarācārya após tornarem-se proeminentes professores dessa linhagem. Análises de quando a obra do primeiro Śaṅkarācārya começou a ser citada por outros mostram que ele viveu por volta do século VIII EC. Para seus primeiros discípulos, ele era mais conhecido simplesmente como Ācārya (Professor da Tradição) ou Bhagavatpāda (Aos Pés do Senhor Abençoado). Neste relato de sua vida e seus ensinamentos, vamos nos referir a ele simplesmente como Śaṅkara.

Lendas e tradições orais compostas séculos após Śaṅkara ter vivido alegam que ele viajou extensivamente, derrotou em debate os grandes eruditos de sua época e fundou centros de estudo (*mathas*) por toda a Índia. Talvez sua biografia mais famosa seja *Śaṅkara Dig Vijaya* (A Conquista das Direções de Śaṅkara), que foi provavelmente composta pelo sábio do século XIV Vidyāraṇya Swāmi. Embora os historiadores acadêmicos desaconselhem interpretar literalmente as alegações deste e de outros biógrafos, autores como Vidyāraṇya Swāmi mergulharam sua mente nos textos comprovadamente escritos por Śaṅkara e, portanto, seus relatos sobre a vida de Śaṅkara enfatizam sua personalidade e forma de ensinar únicas. Apesar de não podermos verificar os detalhes sobre as viagens e os debates de Śaṅkara, não há dúvida de que ele tinha uma grande compreensão das verdades vedânticas e de que construiu argumentos sutis para contrapor uma grande variedade de críticos que questionavam essas verdades, como relataram os biógrafos. Embora eu tenha baseado esta visão geral da vida de Śaṅkara em detalhes encontrados em sua obra autêntica e nos trabalhos acadêmicos mais atualizados sobre o Vedānta, também utilizei o arcabouço oferecido por biógrafos tradicionais para enfatizar verdades importantes sobre Śaṅkara refletidas nas cronologias e histórias desses biógrafos.

Nascimento e educação

De acordo com os biógrafos, Śaṅkara nasceu em Kāladi, no litoral de Kerala, Sul da Índia, entre brâmanes Nambudiri. Esses **brâmanes** têm sido transmissores fiéis dos Vedas e guardiões dos ritos ancestrais de oferendas ao fogo (*yajñas*) até os dias de hoje. Os Nambudiri são também conhecidos por sua adoração a Viṣṇu

como Nārāyaṇa (a Pessoa Cósmica) — em última análise, a forma de Deus preferida por Śaṅkara.

Os biógrafos afirmam que Śaṅkara iniciou o estudo dos Vedas ainda muito jovem, como que para preencher o vazio deixado pela morte de seu pai, que se acredita ter ocorrido quando Śaṅkara tinha apenas três anos. Alega-se que Śaṅkara recebeu a iniciação *upanayana* (cordão sagrado) muitos anos antes da idade tradicional de oito anos, memorizando e absorvendo todas as sílabas sagradas transmitidas a ele e, em pouco tempo, realizando rituais védicos para sua família. De fato, as inúmeras citações de diversas fontes védicas encontradas em todos os escritos de Śaṅkara, seu conhecimento minucioso do ritual védico e seu estilo, muitas vezes poético, de comentar sugerem que ele provavelmente foi um menino-prodígio.

Após Śaṅkara completar seus estudos védicos — segundo alguns, com apenas oito anos — ele fez os votos de *sannyāsin*. Na Índia urbana moderna e no Ocidente, esse termo normalmente se refere a monges que vivem juntos em comunidades estabelecidas. Contudo, na época de Śaṅkara, *sannyāsin* era um asceta errante que havia renunciado a todo compromisso com rituais e laços familiares, como ocorre ainda hoje em muitas regiões rurais da Índia. O *Śaṅkara Dig Vijaya* relata uma história clássica de como Śaṅkara superou a relutância de sua mãe em permitir que o filho desse esse passo radical ainda tão jovem. De acordo com esse conto, um crocodilo agarrou Śaṅkara pela perna quando ele foi tomar banho no rio Periyar. Clamando por sua mãe, ele disse que se ela desse permissão para ele se tornar um *sannyāsin*, o crocodilo o soltaria. Sua mãe concedeu o pedido, pensando que, se isso desse certo, ela poderia ao menos ter a chance de ver o filho vivo. O crocodilo soltou Śaṅkara imediatamente. Seja qual for a acurácia dessa história, ela compartilha a imagem de um verso que Śaṅkara compôs em louvor ao sábio Gauḍapāda, o qual descreve dramaticamente a vida como sendo cheia de predadores vorazes ameaçando a morte e o renascimento:

Ele viu todos os seres imersos no mar agitado, perigoso, terrível
devido aos inúmeros predadores famintos (“ávidos”) por nascimentos ininterruptos,
e, por compaixão por aqueles seres,
ele liberou o néctar imortal das profundezas do oceano do Veda.¹

Quer tenha sido um crocodilo ou simplesmente sua percepção do poder do Guru que serviu como catalisador, Śaṅkara abandonou as responsabilidades de um ritualista védico e encontrou um Guru que lhe mostrou o antídoto citado no verso: o “néctar” do insight extraído do grande oceano do Veda. Esse Guru foi Govindapāda, reverenciado por Śaṅkara como aquele “cuja voz, como um raio de sol, destruiu a sujeira da escuridão”² — e aquele que o *Śaṅkara Dig Vijaya* afirma ter sido discípulo de ninguém menos que o grande Mestre Vedānta Gauḍapāda, reverenciado no verso acima.

Ensinando através de comentários

O *Śaṅkara Dig Vijaya* relata que Śaṅkara aprendeu com tanta rapidez após conhecer Govindapāda que ele precisava de pouca ajuda do seu Guru para alcançar insights muito profundos. O Guru logo incumbiu Śaṅkara de se dirigir à cidade sagrada de Vārānasi (também conhecida como Benares) e depois continuar até os Himalaias, onde Śaṅkara consultou inúmeros sábios e compôs muitos comentários, segundo dizem, aos doze anos de idade. Os trabalhos comprovadamente autênticos de Śaṅkara que foram transmitidos até os dias de hoje incluem comentários sobre dez Upaniṣads e um sobre a *Śrī Bhagavad Gītā*. Ele também escreveu muitas obras sistematizando o pensamento dos Upaniṣads: um comentário sobre o *Vedānta* ou *Brahma Sūtras*; um sobre o *Gauḍapāda Kārikās*, um conjunto de versos atribuídos ao Guru de seu Guru, Gauḍapāda; e uma coletânea de obras em verso e prosa conhecida como *Upadeśa Sahasrī* (Mil Ensinaamentos). Seja qual for a idade que Śaṅkara tinha quando compôs essas obras, sua originalidade e consistência de pensamento parecem refletir a convicção e o foco intensos de um jovem gênio que precisava de pouca orientação dos mais velhos. Embora os biógrafos descrevam os comentários de Śaṅkara como algo esperado de todos os grandes mestres, existe pouca evidência histórica de que alguém antes dele tentou comentar sobre uma variedade tão ampla de fontes tradicionais de forma tão detalhada.

A vasta extensão dos trabalhos de Śaṅkara — milhares de páginas impressas — pode facilmente eclipsar a simplicidade e a clareza de sua abordagem de ensino. Ao longo de seus escritos, Śaṅkara enfatiza que, para compreender a Verdade, um aluno deve escutar (*śravaṇa*), pensar sobre (*manana*) e concentrar-se

atentamente nas palavras de professores respeitados e confiáveis (*nididhyāsana*).³ Para Śaṅkara, como para a tradição brâmane em geral, os Vedas (incluindo os Upaniṣads neles contidos) são antes de mais nada *śruti* (audição), enfatizando que ouvir seus sons (em vez de apenas ler ou pensar sobre conceitos) é crucial para a natureza dessas fontes orais. Os Upaniṣads muitas vezes contam histórias de sábios transmitindo ensinamentos a um ou mais alunos que ouvem, pensam a respeito e se concentram intensamente em suas palavras. Śaṅkara, por sua vez, é o arquétipo dessa abordagem, examinando cuidadosamente a ampla gama de histórias e proclamações dos Upaniṣads, incluindo as ricas imagens usadas para transmitir verdades sutis. Essa alta prioridade dada ao exame cuidadoso das palavras faladas dos Vedas está consagrada nos primeiros quatro aforismos dos *Vedānta Sūtras*:

- (1) Agora vamos desejar conhecer Brahman,
- (2) De onde nascem todas as coisas, etc. [isto é, onde elas também existem e depois se dissolvem];
- (3) Porque é a fonte dos Vedas;
- (4) E isso [Brahman é conhecido] por [todos os Vedas] fluírem juntos.⁴

No caminho de Siddha Yoga, esta tradição de estudo é preservada pela instrução de Gurumayi para estudarmos, praticarmos, assimilarmos e implementarmos os ensinamentos dos Gurus de Siddha Yoga, que, como observado no início, frequentemente incorporam os ensinamentos do Vedānta.

Transmitindo as palavras dos sábios dos Upaniṣads

Uddālaka Āruṇi (também conhecido como Gautama) e Yājñavalkya são os dois professores dos Upaniṣads cujas palavras são registradas de forma mais abrangente nos *Upaniṣads Chāndogya* e *Bṛhadāraṇyaka*. Para Uddālaka, conhecer a si mesmo é a chave para entender o mundo inteiro, porque tudo vem do que você é, conforme designado pelo poderoso mantra que Uddālaka transmite a seu filho: *tat tvam asi* (Você é Isso). Em outras palavras, tudo que você vê é uma forma daquele ser único, que é a raiz de todas as coisas. Esse ser pode ser conhecido assim como o sabor do mel é a essência de todas as flores, como o oceano é o ponto de fusão de todos os rios e como a seiva é encontrada em toda a árvore.⁵

O sábio Yājñavalkya adota uma abordagem sutilmente diferente para a mesma verdade, designando esse ser único como o “grande Ser não nascido” (*br̥hat aja ātman*). Quando pressionado a descrever esse grande Ser, Yājñavalkya especifica que esse grande Ser é aquele em cada um de nós que vê, mas não pode ser visto, que ouve, mas não pode ser ouvido. É aquele que respira. É por amor a esse grande Ser que uma pessoa tem amor pelas outras. Quando pressionado a dizer mais do que isso, no entanto, Yājñavalkya diz simplesmente *neti neti* — uma frase concisa difícil de traduzir diretamente para o inglês. É uma contração de *na iti*: *na* é uma negação e *iti* é uma partícula que marca o final de uma citação ou conclui um argumento. Assim, *neti neti* indica que qualquer atributo do Ser que alguém possa citar, ou qualquer ponto que alguém possa argumentar sobre o grande Ser, fica aquém de identificá-lo: “não ____, não ____.”

Śaṅkara assimila as abordagens complementares desses dois professores em suas próprias elucidações sobre o que Brahman é e o que não é. Śaṅkara parece considerar os pronunciamentos de Yājñavalkya como o entendimento mais elevado, talvez refletindo o fato de que o *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* descreve Yājñavalkya derrotando Uddālaka Āruṇi em um famoso debate. No entanto, longe de desacreditar Uddālaka ou qualquer outro sábio cujos ensinamentos estão registrados nos Upaniṣads, Śaṅkara enfatiza que ouvir verdadeiramente, pensar a respeito e focar atentamente na verdade de todas as suas “grandes afirmações” e compreender o lugar de cada uma delas, é a chave para alcançar a percepção de Brahman.⁶ Também no caminho de Siddha Yoga somos desafiados a considerar cuidadosamente cada ensinamento de nossos Gurus, e então discernir o lugar de cada um deles em nossa *sādhanā*.

Cegueira e sobreposição

Para ajudar os buscadores a compreender a verdade das grandes afirmações dos Upaniṣads, Śaṅkara identifica precisamente o que nos cega para perceber o grande Ser, Brahman, a origem de todas as coisas. A causa-raiz dessa cegueira — *avidyā* (ausência de percepção) — é devido a um hábito mental, que Śaṅkara chama de “superposição” (*adhyāsa*). A mente continuamente sobrepõe distinções ao que percebemos, levando-nos a ver diferenças (*dvaita*) onde, na realidade, existe apenas a plenitude unitária (*advaita*) luminosa de Brahman.

Este conceito, a contribuição sem igual de Śaṅkara ao ensino do Vedānta, pode parecer inicialmente bastante abstrato. Os alunos brâmanes de Śaṅkara, no entanto, já estavam vivamente familiarizados com a ideia de sobreposição devido a sua prática diária de “adoração” (*upāsana*): sobrepor a noção de entidade sagrada a objetos comumente perceptíveis. Muitas passagens dos Upaniṣads prescrevem *upāsana* incitando a pessoa a considerar a respiração vital (*prāṇa*) como Brahman; o sol como uma divindade; o estômago como uma fogueira de oferenda de sacrifício na qual a comida é colocada; ou as fases de um canto védico como o ciclo das estações. Śaṅkara acolhe totalmente as prescrições dos Upaniṣads para adorar objetos comuns dessa maneira, como meio de purificar a mente e aprimorar a concentração.⁷ Ao buscar conhecer Brahman diretamente como é ensinado por Uddālaka e Yājñavalkya, no entanto, Śaṅkara encoraja os buscadores a abandonarem todas as sobreposições — até mesmo sobrepor a noção de divindade em aspectos da natureza.⁸ O conselho de Śaṅkara para abandonar a sobreposição sugere a abertura para a naturalidade de ser que é experimentada, por exemplo, ao se concluir uma adoração, quando o adorador testemunha precisamente o que é, sem sobrepor nada a essa experiência pura.

Śaṅkara argumenta que aquele que segue esta abordagem rigorosamente, com desapego pelas coisas deste mundo e almejando se libertar de todas as limitações, pode e irá atingir uma percepção profunda de Brahman (*brahma-vidyā*), identidade com o grande Ser, enquanto ainda vive neste corpo. Paradoxalmente, Śaṅkara insiste que essa percepção profunda ocorre independentemente de qualquer tipo de esforço. Contudo, ele também é bastante pragmático em guiar os buscadores a alcançar esse objetivo, comparando a obtenção de tal percepção com a prática de um ritual védico.⁹ Um sacerdote brâmane preparando uma oferenda de *yajña* evoca a divindade para a qual ele oferece e então solta a oferenda enquanto declara: “Isto é para a divindade — não é meu!” Da mesma forma, aquele que busca a percepção de Brahman, uma experiência do grande Ser, evoca uma ou mais afirmações dos Upaniṣads declarando identidade com Brahman, e então larga todas as sobreposições limitadoras lembrando a si mesmo: “Este corpo, esta mente, estas sensações — elas não são minhas!”¹⁰ O ensinamento nos comentários de Śaṅkara, portanto, fornece orientação suficiente para a mente abandonar seu

hábito de ver qualquer coisa que não seja Brahman. E nos ensinamentos dos Gurus de Siddha Yoga, o estudante discernirá um equilíbrio entre afirmar o que o Ser é e o que ele não é.

Clique aqui para ler a Parte II



© 2023 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

¹ *Gaudapāda Kārikā Bhāṣya*, IV.100; Tradução inglesa © 2022 SYDA Foundation.

² *Upadeśasahasrī* XVII.2; Tradução inglesa © 2022 SYDA Foundation.

³ Este princípio se baseia nas instruções de Yājñavalkya a sua esposa Maitreyī no *Brhadāranyaka Upaniṣad* 2.4.5 e 4.5.6 e é adotado pela maioria dos autores do Vedānta.

⁴ *Brahma Sūtra Bhāṣya*, 1.1–4; Tradução inglesa © 2022 SYDA Foundation.

⁵ *Chāndogya Upaniṣad*, 6.

⁶ *Brahma Sūtra Bhāṣya*, 1.4.

⁷ *Taittirīya Upaniṣad Bhāṣya*, 1.10, 2.2–3, e *Brhadāranyaka Upaniṣad Bhāṣya*, 1.1.1, 1.3.28; tal qual interpretado em Joël Dubois, *Hidden Lives of Brahman* (New York: SUNY Press, 2015), p. 98–102.

⁸ *Brahma Sūtra Bhāṣya*, 1.1.1, 3.3.9, 4.1.5–6; conforme Dubois, *Hidden Lives of Brahman*, p. 103–4.

⁹ *Brhadāranyaka Upaniṣad Bhāṣya*, 1.3, 1.4.7, 3.5 e 4.4.22; conforme Dubois, *Hidden Lives of Brahman*, p. 319–40.

¹⁰ *Upadeśasahasrī* I.8, 10, 13; II.3; conforme Dubois, *Hidden Lives of Brahman*, p. 340–43.